**A amorosidade divina que nos move**

***Rev. Frei João Milton Menezes***

**1 – Introdução**

Thomas Merton[[1]](#footnote-1) já destacou que a Palavra de Deus, o que ele chama de Palavra Única, a palavra não verbalizada, diz-nos somente uma coisa: “*que tudo é Amor*”. Lembra-nos também a fala de Cristo Jesus ao exortar-nos para sermos como a semente plantada no chão que necessita morrer para gerar frutos, ou seja, que sejamos como “*uma semente no chão de nossa própria vida*”, dissolvendo-nos nela, para que nos tornemos férteis, pois desaparecendo nesse amor infinito e essencial, passamos a ser o próprio Amor. E apenas quando nossos atos se originam desta base amorosa na qual nos dissolvemos e nela nos transformamos, é que percebemos a fertilidade do Amor divino que existe em nós. É sobre esse amor essencial, infinito e frutífero que desejamos abordar ao falarmos sobre o amor cristão. Mas, vamos por partes.

**2 – Tipos de amor**

Na grande maioria dos idiomas, a palavra amor traz o significado de qualquer tipo de sentimento mais forte, mais intenso, um sentimento de afeição, paixão, grande desejo, um sentimento de carinho e demonstração de afeto que se desenvolve especialmente entre seres com a capacidade de demonstrá-lo, normalmente decorrente da formação de vínculos emocionais entre pessoas. É utilizado de forma popular para designar uma pessoa encantadora, gentil e, da mesma forma, pode ser utilizado como adjetivo ou vocativo: “*você é um amor de pessoa*”; “*amor, liga pra mim*”.

Em que pese a importância do papel social que o amor desempenha, alimentando a solidariedade, assim como outras ações e sentimentos, diversas formas de manifestação do amor são usadas no cotidiano, dependendo da situação, tais como o Amor Verdadeiro, o Amor Próprio, o Amor Platônico, Paixão e outras.

Muitos defendem o amor como sendo um sentimento abstrato, impossível de ser palpado, somente podendo ser sentido e vivenciado, outros já buscam a concretude de tal sentimento por meio das ações dele decorrentes, podendo ser visto como um modo de comportar-se. Há quem diga que é um sentimento dominante e, a partir dele, diversos outros são irradiados. Porém, lembra-nos José Roberto Marques[[2]](#footnote-2) de que o amor como sendo “*um sentimento tão rico, plural, único e definidor da condição humana*” impossível seria de ter uma única e acabada versão.

Dos gregos, numa abordagem mais tradicional, recebemos, basicamente, o apontamento de três tipos de amor: o Ágape, o Eros e o Philos.

O **Ágape**, descrito por alguns como sendo a afinidade de ideais espirituais, pode ser resumido como sendo o “amor divino”, aquele amor puro, sincero, desinteressado, isento de conotações sexuais, de segundas intenções, de malícia e de interesses pessoais. É como diz Anselm Grün[[3]](#footnote-3), “*é um bem-querer de coração, (...) não se mistura com desejos de posse e vontade de dominar. É o amor casto que deixa transparecer algo do amor divino*”. Como tal, pode-se dizer que é o ápice do amor ansiado por todos.

O **Eros**, apontado com sendo o sentimento baseado na atração sexual e desejos ardentes, é o amor carnal, cheio de paixão. Advém do mito do deus Eros, deus do amor e do desejo, também venerado como deus da fertilidade. Filho de Afrodite e Zeus (Hermes ou Ares). Porém, foi descrito por Platão como filho de Poro (Expediente) e Pínia (Pobreza), de onde surgiu a essência do amor como sendo o sentimento de falta, a busca constante, a perpétua insatisfação, mas, conduzindo, também, à sabedoria, em decorrência da busca pelo conhecimento, dando vazão à paixão pela descoberta. Já em Roma, Eros foi identificado como Cupido, representado frequentemente como um belo jovem alado, bastante ligeiro, ciumento e egoísta, com os olhos cobertos (simbolizando a cegueira do amor), e ferindo com setas o coração dos humanos.[[4]](#footnote-4)

Freud traz-nos Eros vinculado ao princípio da vida, como a “*pulsão de vida*”, em contraposição ao Tanatos – pulsão de morte. Essa colocação nos aponta um “*dualismo pulsional*”, indicando a impossibilidade da vida sem a integração de Eros e Tanatos: criação e destruição; morte e vida. Um extremo não existe sem o outro.[[5]](#footnote-5)

Os deuses do amor em contraste com os deuses da morte: a vida humana desenrola-se entre os contrários – amor, nascimento, vida, doença, velhice, morte e decomposição – que nas profundezas do inconsciente se encontram interligados.[[6]](#footnote-6)

Entretanto, lembra-nos BUCHO[[7]](#footnote-7), que Eros como pulsão de vida, visa, também, a atração, a coesão, a estabilidade e a sobrevivência, expressando-se, assim, na construtividade. Na mesma linha, aponta Eros como promoção do crescimento, da criação e da inclusão. Tal pulsão estimula, também, o sujeito na obtenção da satisfação e no desfrutar do prazer.

O Eros visto como um dos tipos do amor, destaca-se na importância da retribuição, ou seja, a pessoa retribui o amor na medida do que recebe, associado a uma aparente contradição, já que uma vez alcançado, o amor se dá por satisfeito, pelo menos temporariamente. Diz-se, também, que ele está mais sujeito à ação do tempo, ou seja, suas “feições” alteram com o decorrer das circunstâncias em que ele está inserido.

Vale lembrar as observações feitas por José Roberto Marques sobre o amor do tipo Eros ao dizer que, em uma perspectiva pragmática, ao buscar seu objeto de desejo, clamando por ser saciado, tal amor “*pode ser bastante instigante no sentido de nos pôr em movimento, em marcha atrás daquilo que buscamos*”[[8]](#footnote-8)

O **Philos** (*Filia*) é o amor da amizade. Ele gera alegria pelo objeto amado por ser do jeito que é, alegrando-se pelo sentimento de gratidão pela existência de tal objeto. Não monopoliza, é altruísta, chegando ao ponto de se alegrar pela doação, independente da possível necessidade de ceder às vontades do ser amado. Ocorre que, segundo MARQUES[[9]](#footnote-9), esta forma de amor restringe-se àqueles que nos agradam, que nos rodeiam, sendo, portanto, “*devotado a um número restrito de pessoas*”. Entretanto, merece destaque a sua condição de maturidade do amor, pelo qual os casais passam ao experienciarem uma união duradoura.

Alguns autores derivam deste um quarto modo de amar, o amor da família, ou o amor **Storge**. Ele vai além da amizade, atingindo o chamado amor fraterno – “*Amai-vos mutuamente com afeição terna e fraternal. Adiantai-vos em honrar uns aos outros*”(Rm 12,10). Porém, alguns autores lembram de que este modo de amor merece destaque quanto a sua capacidade de superar as desavenças familiares, as brigas rotineiras, as rusgas frequentes, pelo convívio constante. Trazendo novamente as reflexões de MARQUES[[10]](#footnote-10) sobre os modos de amar, ele destaca essa forma com que esse amor pode sofrer reveses, chamando de *elasticidade*, e mesmo assim ele se renova e se fortalece, demonstrando sua solidez.

Além destes citados modos de amor, alguns autores identificaram no cotidiano alguns outras formas que merecem destaque.

Susan Hendrick e Clyde Hendrick, pesquisadores e professores de psicologia da Texas Tech University, criaram a Escala de Atitudes Amorosas, descrevendo as relações interpessoais correlacionadas. Além das já abordadas formas de **Ágape**, **Eros** e **Storge**, apresentaram, ainda: o amor **Psique** que se fundamenta na mente e nos sentimentos filosóficos e traz as bases do mito descrito entre Eros e Psique (amor e alma); **Ludus** seria o amor pelo jogo, fazendo o sentimento de amar um verdadeiro jogo, na busca constante de vitórias; o **Pragma** é um amor pragmático, originando-se com um objetivo específico, envolvendo a necessidade individual egoísta da pessoa; e a **Mania**, na qual fala forte a emoção, com intensa instabilidade, aproximando-se da paixão, e evoluindo em alguns casos para o sentimento de posse, quase obsessivo, normalmente trazendo uma espécie de dependência emocional.

Encontram-se descritos, também, o amor **Narcisista** e o amor **Platônico**. O primeiro, que se refere a Narciso, com sua beleza, seu orgulho e sua patológica autoadmiração, caracteriza-se como a visão própria como centro de tudo, um amor próprio extremos e quase excludente. Já o **Platônico**, evidencia-se como a impossibilidade de se atingir o objeto amado, chegando, frequentemente, a exagerar na caracterização do seu objeto de admiração.

Em que pese as diferenças apresentadas acima, comumente evidenciamos a experiência de quase todos os modos descritos ao longo de nossa vida, sem que, no entanto, tenhamos a obrigação de “evoluirmos” do mais basal até chegarmos ao amor **Ágape**. Ocorre, inclusive, a mescla de alguns deles, podendo o amor **Philos** participar da força do **Eros**, ou até mesmo da união entre o **Eros** com o **Ágape**, ou, ainda, o amor Ágape inspirar o cotidiano do amor **Storge**. O que devemos buscar é, sem dúvida, impregnarmo-nos do amor puro e límpido, gerado pelo Altíssimo, para que nossa vida seja conduzida pelo autêntico amor divino. É sobre esse amor e essa condução que desejamos refletir um pouco mais.

**3 – Viver o amor**

Anselm Grün[[11]](#footnote-11) nos lembra que amor não é apenas sentimento, mas sim “*um modo novo de comportar-se*”, ou seja, faz-se necessário que o amor se manifeste num novo comportamento, expressando-se em um agir concreto. Thomas Merton já frisou que o amor não está apenas na mente ou no coração, pois é mais do que o pensamento e desejo, ele é ação, e “*somente no ato do amor alcançamos a intuição contemplativa da sabedoria amorosa.*”[[12]](#footnote-12)

Seja entre pessoas, ou de forma comunitária, é imprescindível que ocorra o falar e o agir bem para que o amor construa as relações sadias. Lembra São Pulo em sua epístola aos Colossenses: “*Mas acima de tudo revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição*” (Cl 3,14). GRÜN[[13]](#footnote-13) evidencia o destaque dado por Paulo ao “*comportamento concreto em que o amor se manifesta*”, não pensando tanto no sentimento do amor em si.

Porém, não nos referimos ao tão falado amor próprio, ao amor apaixonado pelo chamamento da carne, ao amor egoísta, possessivo ou filosófico, estamos falando do amor puro, essencial, encrustado em nosso ser na criação divina, o amor que nos mantém ligados, mesmo sem a nossa percepção frequente, ao próprio Criador, o mesmo amor que nos gerou com a similitude da essência divina. O amor que radicalmente nos sustenta, mesmo sem a nossa compreensão, o amor que nos faz buscar Deus, apesar de nossa limitação humana. Não o amor que nos faz necessitados das ilusões mundanas, ou por elas sustentados, mas o amor descortinado ao renunciarmos tais ilusões, capacitando-nos de ir em busca de Deus e do próximo, na certeza da existência nele da mesma divindade que em nós habita, até porque, ainda lembrando Merton, “*O amor é o nosso verdadeiro destino. Não encontramos o sentido da vida por nós mesmos. Nós o encontramos no outro*”. De forma mais radical, Merton nos adverte:

Porque é um filho de Deus, feito à imagem e semelhança de Deus, o homem não pode encontrar sua verdadeira maturidade e realização fora de um relacionamento de amor com os seus semelhantes.[[14]](#footnote-14)

O verdadeiro amor não é tranquilizador, muito menos estimulador de inércia, ele é inquietante, é mobilizador. Ele nos leva a Deus e ao próximo, ele nos provoca reflexões sobre nossas ações e escolhas no cotidiano. Ele nos sacode e não nos deixa adormecer na mansidão do isolamento. Ele não permite nos autojustificarmos pelas nossas inadequadas ações, tampouco pelas nossas ausências quando deveríamos agir. Ele nos faz sentir inquietos ao lembrarmos da parábola do Bom Samaritano, levando-nos ao questionamento se agimos cotidianamente como o levita ou o sacerdote diante do necessitado. O verdadeiro amor é questionador, é impulsionador, ele nos instiga a construir um mundo melhor a partir de nosso raio de ação que envolve a oração, o pensamento e a atitude. O verdadeiro amor é capaz de curar mazelas físicas e mentais e sua ausência fere, machuca, adoece, gera profundas feridas difíceis de cura. É notório o poder de cura do amor.

Impossível falar do amor sem nos lembrarmos do elogio solene de Paulo ao amor no capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios, no qual é enaltecido o amor em si. Não destaca o amor entre os seres, tampouco o amor a Deus, ele evidencia o amor como um dom, chegando a dizer que nada tem valor sem o amor. Lembra-nos de que podemos até ser muito espirituais ou grandes místicos, ou mesmo falar como profetas, mas sem o amor nada seremos. Trazendo mais uma vez as palavras de Anselm Grün:

O amor para ele é um dom do espírito, uma força espiritual que transforma o ser humano e dá à sua vida novo sabor. (...) É uma qualidade própria da existência, uma força autônoma que atua no coração do ser humano e que marca todo o seu falar e agir. (...) Em suma, o amor é uma força divina.[[15]](#footnote-15)

Para Paulo, o amor é paciente, é bondoso, não é invejoso, não é escandaloso, não se irrita e não guarda rancor. Ele não é orgulhoso, tampouco arrogante. Ele não está em busca dos seus próprios interesses. O amor busca sempre a verdade e jamais se alegra com a injustiça. A descrição do amor feita por Paulo culmina com a alegação de que o amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera e tudo suporta. Não um suportar com o significado de aturar, mas sim de sustentar, impedindo que seu portador desmorone diante do ódio, do rancor, da inveja.

Finda Paulo o capítulo em tela sobre o amor trazendo este como a perfeição da fé e da esperança, pois, em que pese essas três virtudes teologais estarem unidas e intrinsicamente ligadas, destaca-se o amor, acreditando, inclusive, que ele jamais acabará, e, por ser mais forte do que a morte, nos acompanhará em nosso encontro com o Criador, ao estarmos na glória de Deus.

Sobre isso, lembra-nos Anselm Grün:

Ele (o amor) é o fundamento do qual brota a fé. Quem está tomado de amor não precisa convencer-se da fé, ele crê simplesmente. Ele não sabe outra coisa senão crer. O mesmo acontece na relação da esperança com o amor. Ele não desanima a pessoa, deseja que Deus lhe conceda o melhor. Inversamente, vale que toda verdadeira esperança precisa afinal do amor como seu verdadeiro fundamento original. Sem amor, a esperança torna-se facilmente temeridade ou otimismo vazio.[[16]](#footnote-16)

**4 – Amar a Deus**

Levantou-se um doutor da lei e, para pô-lo à prova, perguntou: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? Disse-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como é que lês? Respondeu ele: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento; e a teu próximo como a ti mesmo. Falou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isto e viverás. (Lc 10,25-28)

Há quem traga “*o amar a Deus*” exclusivamente ao exercício de amar o próximo. Para Anselm Grün, na teologia, normalmente, destaca-se o amar a Deus como o seu reconhecimento e o cumprimento de seus mandamentos, de maneira ética e intelectual, eliminando, assim, o componente emocional. Porém, dessa forma, onde podemos encontrar as palavras de Jesus na passagem narrada por Lucas? Qual seria o verdadeiro significado de amar de todo o coração, de toda a alma, de todas as forças e de todo o pensamento (ou mente)? Creio que poderíamos resumir como sendo o amor pleno, integral, com toda a inteireza do ser, trazendo para tal ato de amor todas as forças físicas, espirituais e emocionais.

Partindo dessa plena participação do ser ao amar a Deus, mais uma vez trazemos as palavras de Anselm Grün:

Amar a Deus é, portanto, mais do que responder ao amor de Deus com a vontade, e mais do que amar o próximo. Amar a Deus é um processo da vida toda que inclui sem dúvida nosso esforço, mas que é antes de tudo um abrir-se para o amor de Deus.[[17]](#footnote-17)

Entretanto, como poderíamos amar a Deus apesar de nossa pequenez e de nossa limitação humana? Simples, com o que temos, com o que somos, com nossa capacidade humana criada pelo próprio Deus: com a oração e com a orientação das forças de nossa alma para Ele. Pela oração, preferencialmente em silêncio, apresentamos-Lhe tudo o que somos, tudo o que temos, toda nossa existência. Por intermédio das forças de nossa alma orientadas para Ele, colocamos diante dEle o que há de mais íntimo em nós, na busca de fazer com que tais desejos busquem-no cada vez mais, por intermédio de nossos pensamentos, nossas palavras e nossas ações, até chegarmos a desejar que o fim último de nossa existência seja a nossa percepção e acolhida por Deus.[[18]](#footnote-18)

A segunda sugestão acima apontada transporta-nos ao famoso argumento ontológico desenvolvido por Santo Anselmo, cuja dialética foi brilhantemente descrita por Sérgio Ricardo Strefling[[19]](#footnote-19). Buscou a verdadeira e última prova da existência de Deus, o argumento único “*sem ter que recorrer a nenhum outro*”. Como destaca Strefling, “*é uma longa prece de quem busca entender o que crê*”. Santo Anselmo, expressando a sua noção de Deus, afirma:

Comecei a pensar comigo mesmo se não seria possível encontrar um único argumento que, válido em si e por si, sem nenhum outro, permitisse demonstrar que Deus existe verdadeiramente.

Ao não ser possível encontrar nada maior em pensamento, estamos levando nossa mente, nosso ser, em direção a Deus, nele desembocando o que somos. Anselm Grün destaca sobre essa ação, no que concerne o amor a Deus, “*o abrir-se de todo*”, é o desejo de estar com Deus, com todas as forças, é “*a última meta*” do ser. É a verdadeira forma de amar a Deus.

**5 – Amor de Deus para conosco**

É inegável que, independentemente de sermos limitados e falíveis, o amor de Deus é uma realidade universal, perene e incondicional. O amor de Deus é infinito e imutável, e independe de nossa capacidade de retribuir, de reconhecer e até mesmo de sentir. Ele sempre nos acolhe, nos recebe, mesmo quando erramos ao nos afastarmos dele. Permanentemente, Ele nos recebe como filhos pródigos arrependidos, com seu amor paterno e sempre presente. Esta é a mensagem central da Boa Nova de Jesus Cristo, assegurando-nos em todos os momentos o amor de Deus, independente de nosso comportamento, de nossas falhas e de nosso distanciamento dele. Cristo Jesus não apenas nos transmitiu essa mensagem central, mas a demonstrou em sua vida, aproximando-se de todos, especialmente dos pecadores, dos doentes, dos aflitos, dos apartados pela sociedade. Assim o fez até o fim, até a sua gloriosa e redentora morte: “*Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*”. (Jo 13,1)

Sintamo-nos amorosamente abraçados por Jesus, pregado na cruz, de braços abertos, atraindo para si todos nós, acolhendo-nos em seu sofrimento, para nossa salvação transformadora. Morreu por nós, em decorrência de seu infinito amor divino. Como nos lembra Anselm Grün, Jesus na cruz inicia-nos no mistério do incondicional, perfeito e restaurador amor de Deus.

Diz-nos João, em sua primeira epístola: “*Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele.*” (1Jo 4,16) Assim, mais do que nos amar, podemos crer que Deus é o próprio amor, por sua própria natureza. Mais uma vez trazemos uma bela imagem de Anselm Grün ao dizer:

O amor de Deus é como um recinto no qual posso me recolher e ficar. Deus que por sua natureza é amor, é para nós uma moradia na qual nos sentimos em casa, em que encontramos prazer e na qual nos sabemos protegidos.

Hernandes Dias Lopes, pastor presbiteriano, destaca três importantes verdades sobre o amor de Deus: é abundante, é imerecido e é provado.[[20]](#footnote-20)

O amor de Deus é abundante e derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, como uma espécie de “*chuvarada bendita de amor que desce do céu sobre nós, regando nossa vida e fazendo-nos frutificar para Deus*”.

Ele é imerecido, pois sua causa não está em nós, mas nele mesmo. Paulo lembra em sua carta aos romanos que Deus nos amou quando éramos fracos, ímpios e pecadores. O amor de Deus não se sustenta em nossos méritos, sendo ele incondicional, pois Ele nos amou com amor eterno e sacrificial.

Deus nos ama abundantemente e imerecidamente e tal amor pode ser provado. Ele nos amou e nos deu seu Filho unigênito, o seu próprio Filho, entregando-O, por todos nós, à morte de cruz. Temos a vida, vida plena, em decorrência de ter Deus lançado sobre Jesus a iniquidade de todos nós, “*por sua morte temos vida*”. A infinitude do amor de Deus levou-O a nos dar a si mesmo, o seu próprio Filho amado, para que nele pudéssemos ter eterna redenção. Quão grande é o amor de Deus!! Quão sublime é o seu amor!!

Brindou-nos Luiz de Carvalho com a música Amor de Deus, na qual se encontra a seguinte estrofe:

Se os mares todos fossem tinta

E o céu sem fim fosse papel

Se as aves todas fossem penas

E os homens todos escrivães

Nem mesmo assim o amor seria

Descrito em seu fulgor

Oh maravilha deslumbrante

Esse eternal amor

|  |
| --- |
|  |

*Porque o amor não é um sonho: o amor é a lei básica das criaturas que foram criadas livres para dar-se, livres para participar da infinita abundância de vida com que Deus nos preenche. O amor é o coração e o verdadeiro centro do dinamismo criador que chamamos vida. O amor é a própria vida em seu estado de maturidade e perfeição.*

Thomas Merton

1. MERTON, Thomas. Amor e vida. Tradução Margarida Oliva; revisão da tradução Marina Appenzeller; revisão técnica Marina Barroso S. Camargo. – São Paulo: Martins Fontes, 2004. [↑](#footnote-ref-1)
2. MARQUES, José Roberto. Os sete tipos de amor. Disponível em: <http://www.jrmcoaching. com.br/blog/os-sete-tipos-de-amor/>. Acesso em 21 ago. 2017. [↑](#footnote-ref-2)
3. GRÜN, Anselm. Virtudes que nos unem a Deus – Fé, esperança e amor. 3. ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 2012. [↑](#footnote-ref-3)
4. \_\_\_\_\_\_ Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/eros>. Acessado em 21 ago. 2017. [↑](#footnote-ref-4)
5. BUCHO, João Luíz Cruz. Eros & Tanatos: Família e expressão artística. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1069.pdf>. Publicado em 12 mar. 2017. Acessado em 21 ago. 2017. [↑](#footnote-ref-5)
6. CHETWYND, T. Dicionário dos símbolos. Lisboa: Planeta Editora. 2004. [↑](#footnote-ref-6)
7. BUCHO, João Luíz Cruz. Op. cit. [↑](#footnote-ref-7)
8. MARQUES, José Roberto. Os sete tipos de amor. Disponível em <http://www.jrmcoaching.com.br/blog/os-sete-tipos-de-amor/>. Publicado em 5 jul. 2016. Acessado em 22 ago. 2017 [↑](#footnote-ref-8)
9. Ibid. [↑](#footnote-ref-9)
10. Ibid. [↑](#footnote-ref-10)
11. GRÜN, Anselm. Virtudes que nos unem a Deus – Fé, esperança e amor. Op. Cit. [↑](#footnote-ref-11)
12. MERTON, Thomas. Prólogo in: CARDENAL, Ernesto. Vida en el amor. Madrid: Trotta. 2010. [↑](#footnote-ref-12)
13. GRÜN, Anselm. Virtudes que nos unem a Deus – Fé, esperança e amor. Op. Cit. [↑](#footnote-ref-13)
14. MERTON, Thomas. Amor e Vida, São Paulo: Martins Fontes. 2004. [↑](#footnote-ref-14)
15. GRÜN, Anselm. Virtudes que nos unem a Deus – Fé, esperança e amor. Op. Cit. [↑](#footnote-ref-15)
16. Ibid. [↑](#footnote-ref-16)
17. GRÜN, Anselm. Virtudes que nos unem a Deus – Fé, esperança e amor. Op. Cit. [↑](#footnote-ref-17)
18. Ibid. [↑](#footnote-ref-18)
19. STREFLING, Sérgio Ricardo. A dialética do argumento único de Santo Anselmo. Ágora Filosófica, ano 9, n. 1, p. 137-152. jan./jun. 2009. [↑](#footnote-ref-19)
20. LOPES, Hernandes Dias. O amor de Deus por nós. Disponível em <http://ipb.org.br/cada-dia/o-amor-de-deus-por-nos-3783>. Acessado em 26 ago. 2017. [↑](#footnote-ref-20)